



“A CONVERSÃO DE SÃO PAULO”: O INTERDISCURSO NA PREGAÇÃO DE JOSÉ DE ANCHIETA¹

“THE CONVERSION OF SÃO PAULO”: INTERDISCOURSE IN JOSÉ DE ANCHIETA PREACHING

Bruno Felipe de Souza (UERN)²

RESUMO: Com base no conceito de interdiscurso postulado no quadro teórico da Análise do Discurso francesa, analisamos o sermão histórico “A Conversão de São Paulo”, de autoria do Padre José de Anchieta. O trabalho teve como objetivo investigar o interdiscurso revelado na pregação religiosa. Para a realização da pesquisa baseamo-nos em pressupostos desenvolvidos pelo teórico francês Dominique Maingueneau. Os resultados indicaram que o sermão surge como espaço discursivo em que há abundante incidência de interdiscursos. Quanto às relações interdiscursivas presentes na pregação, evidencia-se a menção ao discurso das escrituras bíblicas e aos formados pela tradição católica.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Interdiscurso. Sermão. José de Anchieta.

ABSTRACT: Based on the interdiscourse concept postulated in the theoretical framework of French Discourse Analysis, we analyze the historic sermon *The Conversion of Saint Paul*, authored by Father José de Anchieta. The work has had as its objective to investigate the interdiscourse revealed in religious preaching. For the development of the research we have been based in the assumptions developed by french theoretical Dominique Maingueneau. The results have indicated that the sermon emerges as discursive space in which there is an abundant incidence of interdiscourse. Regarding the interdiscursive relations present in preaching, the mention to the biblical scriptures discourse and to those formed by catholic tradition is evidenced.

Keywords: Discourse Analysis. Interdiscourse. Sermon. José de Anchieta.

1 Introdução

Inicialmente, é pertinente frisar o papel desempenhado pela Análise do Discurso no espaço atual dos estudos sobre discurso, sujeito e práticas sociais. Como área independente de estudos sobre a linguagem, vemos que sua consolidação como ferramenta de investigação dos acontecimentos discursivos e suas produções de sentidos ocorreu de maneira progressiva. Embora seja convencional situá-la no interior das ciências da linguagem, a verdade é que a

¹ Esse artigo contém resultados parciais da pesquisa *Interdiscurso e ethos: uma análise de A Conversão de São Paulo*, realizada em 2018, e vinculada ao Grupo de Estudos do Discurso (GRED), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

² Graduado em Letras (Língua Portuguesa e respectivas Literaturas) e Mestrando em Ciências da Linguagem pela UERN. ORCID <https://orcid.org/0000-0001-6309-9915> E-mail: brunofelipe.alexandria@gmail.com

SOUZA, Bruno Felipe de. “A CONVERSÃO DE SÃO PAULO”: INTERDISCURSO NA PREGAÇÃO DE JOSÉ DE ANCHIETA.

Análise do Discurso foi caudatária de diversas discussões interdisciplinares pós-estruturalistas iniciadas na segunda metade do século XX, quando se incrementaram problemáticas oriundas dos pontos de contato entre teorias linguísticas e enunciativas com conceitos vertidos das ciências humanas e sociais³. No que concerne ao uso metódico da terminologia interdiscurso, especialmente, fica pressuposta a consideração de um conceito analítico efetivamente legítimo no repertório teórico-metodológico da Análise do Discurso, com o qual se lida em trabalhos de investigação das materialidades discursivas.

Nessa pesquisa, usamos da categoria analítica interdiscurso com base na perspectiva apresentada pelo teórico contemporâneo Dominique Maingueneau, no quadro epistemológico da Análise do Discurso francesa. Analisaremos um escrito histórico do jesuíta padre José de Anchieta: trata-se do célebre sermão “A Conversão de S. Paulo⁴”. O conteúdo do discurso versa, obviamente, sobre o processo de conversão de Paulo de Tarso, personagem retratado pelo Novo Testamento bíblico e também santo católico. Segundo consta, o texto da alocução de Anchieta foi proferido em 25 de janeiro de 1568, na vila de Piratininga, em cujo local se encontra hoje a metropolitana cidade de São Paulo. Partindo da premissa de que a pregação religiosa constitui um tipo de discurso pautado em textos de caráter doutrinal ou cunho teológico, de acordo com uma corrente tradição específica em que se filia, investigaremos a ocorrência do interdiscurso no sermão anchietano.

Entendemos, antes de mais nada, que o documento em si tem valor trivial: histórico, cultural e literário, simultaneamente. Em primeiro lugar, por compor um escrito que reflete o momento e ambiente histórico do Brasil no contexto colonialista do século XVI. Depois, por emanar de uma personalidade protagonista na formação do pensamento religioso brasileiro. E, finalmente, por surgir, em seu gênero, como uma das primeiras produções escritas em língua portuguesa em nosso território geográfico, tendo sua memória documentalmente registrada. Na verdade, podemos dizer que, além do domínio geopolítico, implantou-se a religião como atalho decisivamente relevante, cuja influência direta legou a formulação de um corpo de crenças. Nesse cenário compreendemos a figura histórica de Anchieta pelo simbólico

³ Sobre a origem da Análise do Discurso e a definição de seu objeto de estudo, ver Maingueneau (2015).

⁴ O manuscrito original encontra-se nos arquivos do Colégio Notre-Dame de Antuérpia, na Bélgica, instituição administrada pela Companhia de Jesus. O escrito foi reproduzido em uma publicação datada de 1895, feita pelo conselheiro Tristão de Alencar Araripe. Uma cópia do documento digitalizado pode ser acessada no seguinte endereço eletrônico: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4691>

SOUZA, Bruno Felipe de. “A CONVERSÃO DE SÃO PAULO”: INTERDISCURSO NA PREGAÇÃO DE JOSÉ DE ANCHIETA.

protagonismo junto à imagem institucional eclesiástica nos primórdios da colônia brasileira. Personalidade icônica e atuante nesse processo, José Anchieta foi não somente missionário e pregador, mas também hábil educador, exímio escritor e persuasivo doutrinador entre povos nativos (THOMAZ, 1891). Como reitera Portela (2005), além dos textos pastorais, como cartas e sermões, ele deixou também escritos literários, sobretudo obras de poesia lírica com fins catequéticos e pedagógicos.

No procedimento metodológico essa pesquisa utiliza-se de abordagem qualitativa. Ela fica assim subtendida como um método caracterizado por levantamentos bibliográficos de informações colhidas em dados documentados, cuja técnica se dá na forma de análise de textos (CHIZZOTTI, 2005). Diferente das consideradas quantitativas, as quais são desenvolvidas mediante quantificação e tabulação de dados, as pesquisas qualitativas objetivam a atribuição de significados ao objeto de estudo, uma vez que, não sendo visível o nível de realidade, ela “precisa ser exposta e interpretada, em primeira instância, pelos próprios pesquisadores” (MINAYO, 2009, p. 22). Seguindo a epistemologia das ciências humanas, a natureza da pesquisa qualitativa tem uma dimensão interpretativa, pois o “trabalho do pensamento das ciências humanas é sempre convocado por uma dimensão interpretativa” (AMORIM, 2016, p. 02).

2 O primado do interdiscurso

As identidades discursivas são definidas a partir de nexos entre discursos, isto é, da interdiscursividade. Enunciados são formulados entre relações mútuas intrínsecas e dão-se em ordem a vários discursos, sendo por isso suas identidades revestidas e apoiadas de referenciais externos. Esses ancoros são retomados, explícita ou implicitamente, em situações de uso da linguagem verbal, quer seja na escrita, quer seja na fala. Isso significa que, para fundar-se, legitimar-se e produzir sentido, um discurso é construído e alimentado por outros: “falar é sempre falar com, contra ou por meio de outros discursos, outras vozes. [...] as relações de um texto consigo mesmo e sua relação com outros, ou seja, do intradiscurso com o interdiscurso”, não podem se dissociar (MAINGUENEAU, 2016, p. 05).

Como princípio importante a ser trabalhado pelo analista do discurso, o interdiscurso é categoria elementar dentro do macro conjunto de proposições formuladas na AD de linha

SOUZA, Bruno Felipe de. “A CONVERSÃO DE SÃO PAULO”: INTERDISCURSO NA PREGAÇÃO DE JOSÉ DE ANCHIETA.

francesa. Se relações interdiscursivas resultam de intercâmbios semânticos entre discursos, elas devem formar exatamente uma noção a ser prescrutada no processo interativo dos atos comunicativos. Mas é importante frisar que o discurso, mais que sintagmas ou sentenças enunciativas unidas por fios semânticos, são ocorrências que se permitem designar como práticas semióticas complexas. Como parâmetro constitucional, o interdiscurso envolve um sistema de conceitos compreendido a partir das chamadas formações discursivas⁵. Essa recorrência sistemática revela que práticas discursivas e fatores sócio-históricos correlatos sempre atuam interligados na configuração da competência discursiva (MAINGUENEAU, 2008).

Todo e qualquer discurso com filiações semânticas acaba por evidenciar relações interdiscursivas, resultando na formação de enunciados heterogêneos. Fica estabelecida nisso a hipótese do primado do interdiscurso e sua heterogeneidade constitutiva: enfim, a essência fundamental de um processo “que amarra, em uma relação inextricável, o *mesmo* do discurso e seu *outro*” (MAINGUENEAU, 2008, p. 25). Num esquema de instâncias separadas em que os discursos se conjugam, propõe-se uma tríade composta de três níveis gradativos: universo, campo e espaço discursivos. Essas terminologias têm implicações metodológicas diretas, e fundamentam relações performativas sobre conhecimento textual e saber histórico, os quais são confirmados pelo analista em trabalhos de pesquisa (MAINGUENEAU, 2008).

É necessário, sobretudo, entender que formações discursivas, cujos fluxos ocorrem em situações de concorrências recíprocas, são delimitadas em regiões específicas do universo discursivo. O termo “concorrência” deve ser compreendido sob enfoque amplo e genérico, como relações de confronto, concordância ou mesmo neutralidade aparente entre discursos que apresentam uma mesma função social e que, ao mesmo tempo, divergem sobre a maneira pela qual essa função deve ser preenchida (POSSENTI, 2003). Tratando do primeiro elemento da tríade faz-se uma analogia ao conceito de arquivo, termo implementado por Michel Foucault:

⁵ O conceito de formação discursiva é criação original do filósofo Michel Foucault. Mas o fato é que sua incorporação aos pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa ocorreu em muitas frentes. Nesse sentido, ela é considerada em diversas perspectivas teórico-metodológicas. Está pressuposta, por exemplo, na teoria interdiscursiva abordada por Dominique Maingueneau.

SOUZA, Bruno Felipe de. “A CONVERSÃO DE SÃO PAULO”: INTERDISCURSO NA PREGAÇÃO DE JOSÉ DE ANCHIETA.

O conjunto de enunciados constitui o arquivo de uma época. Este conjunto não é a coleção de um espaço homogêneo (o espírito de uma época, um estado de cultura ou de civilização), de tudo que foi dito, de tudo o que se diz, mas um conjunto de regiões heterogêneas de enunciados produzidos por práticas discursivas irreduzíveis. (MAINGUENEAU, 1997, p. 116)

O conceito de universo discursivo implicaria, em última instância, a descrição de vasto domínio discursivo abarcando a totalidade ou a universalidade dos enunciados compostos por formações discursivas de muitos tipos e que interagem dentro de uma conjuntura. Outrossim, esse universo se constitui sob uma dimensão necessariamente finita, embora não seja possível ao analista determiná-la integralmente. Ou seja, apesar do alcance limitado, o amplificado conjunto dessas formações agrupadas nunca é inteiramente apreensível (MAINGUENEAU, 2008). Assim a noção de universo discursivo é “de pouca utilidade para o analista e define apenas uma extensão máxima, o horizonte a partir do qual serão construídos domínios suscetíveis de ser estudados, os campos discursivos” (MAINGUENEAU, 2008, p. 33).

A ideia de campos discursivos, como compartimentos interiores a um universo de formações discursivas, surge então como conceito de maior utilidade ao exame empírico das situações discursivas em suas modalidades. Trata-se, em princípio, de uma noção cunhada para dar conta de grupos de formações discursivas em escalas menores, vista a constatação da inviabilidade de se explorar os meandros abrangentes de um universo discursivo. Os espaços seriam fatiamentos, digamos. Em Maingueneau (1997, p. 116), há uma definição de campo discursivo em que ele é assumido com “conjunto de formações discursivas que se encontram em relação de concorrência, em sentido amplo, e se delimitam, pois, por uma posição enunciativa em uma dada região”. Com isso se quer dizer que os campos formam conjuntos múltiplos e certamente heterogêneos de discursos gerados no páreo de um universo. Eles são, em virtude dessa gradação, circunscritos e delimitados em zonas específicas.

Conforme se esclarece, sempre tratamos de campos discursivos distintos, uma vez que cada qual abarcará discursos de naturezas claramente diferenciadas. Por exemplo, o discurso político pertence a um campo necessariamente distinto do campo filosófico, do científico, do religioso, do literário, etc. Entretanto, tal divisão, na visão de Maingueneau, ainda parece ser insatisfatória para o trabalho de identificar relações próximas entre discursos. Dessa maneira, mesmo trazendo delimitações de zonas discursivas especificadas, os campos não constituem

SOUZA, Bruno Felipe de. “A CONVERSÃO DE SÃO PAULO”: INTERDISCURSO NA PREGAÇÃO DE JOSÉ DE ANCHIETA.

instâncias de fechamentos circulares tão evidentes à primeira vista, pois teriam uma natureza abstrata, que se permite à multiplicidade de trocas, em relações interdiscursivas irreconhecíveis (MAINGUENEAU, 2008).

Destarte, os campos comensuram formações discursivas “vinculadas ou passíveis de serem analisadas de modo concomitante, seja porque se apoiam uma na outra, ou porque se voltam para um mesmo objeto, ou porque resultam de mesma estrutura social” (SANTOS, 2017, p. 31). Ademais:

É no interior do campo discursivo que se constitui um discurso, e levantamos a hipótese de que sua constituição pode deixar-se descrever em termos de operações regulares sobre formações discursivas já existentes. O que não significa, entretanto, que os discursos se constituam todos da mesma forma em todos os discursos desse campo. Não é possível determinar a priori as modalidades das relações entre as diversas formações discursivas de um campo. (MAINGUENEAU, 2008, p. 34-35)

Como diz Maingueneau (2008), os discursos sempre terão sua formação no interior de campos, razão pela qual serão por eles mesmos profundamente condicionados. São eles, pois, constituídos em total dependência às formações discursivas previamente existentes no mesmo domínio. Ou seja, um discurso é gerado em um campo discursivo com base em formações que lhes são disponíveis no momento da produção, formações já previstas como partes integrantes deste campo por nele estarem situadas de antemão. Todavia, conforme assinala o autor, não há necessidade de se pensar que todos os discursos compostos em mesmo campo assumem e conservam estruturas comuns, estáticas e homogêneas, pois não se elimina a hipótese de haver dissociações contínuas em relações dialógicas entre diferentes tipos de discursos.

Entende-se, aliás, que são eles mutáveis, maleáveis, passíveis de modificações. Do contrário, seriam como estruturas mecânicas engrenadas, às quais tornaria-se inviável traçar nexos conectivos e, ao mesmo tempo, conservar suas efetivas atribuições funcionais. Não sendo possível determinar mecanismos inter-relacionais entre as formações discursivas pertencentes à campos comuns, opta-se por instituir, nos limites dessa abordagem teórica, a noção de espaços discursivos. Neste caso, esse terceiro conceito ocorre como uma saturação das outras duas instâncias anteriores: nos universos se delimitaram os campos e, agora, destes se chegam aos espaços. Essa delimitação representa o isolamento, nos campos, de blocos

SOUZA, Bruno Felipe de. “A CONVERSÃO DE SÃO PAULO”: INTERDISCURSO NA PREGAÇÃO DE JOSÉ DE ANCHIETA.

ainda menores, mais condensados. Espaços são dimensões mais restritas em que os discursos são vertidos:

O espaço discursivo, enfim, delimita um subconjunto do campo discursivo, ligando pelos menos duas formações discursivas que, supõe-se, mantem relações privilegiadas, cruciais para a compreensão dos discursos considerados. Este é, pois, definido a partir de uma decisão do analista, em função de seus objetivos de pesquisa. (MAINGUENEAU, 1997, p. 117)

Como podemos observar, a noção de espaços discursivos concentra uma importância primaz no trabalho do analista. Como instância última, ela visa delimitar com mais precisão as relações interdiscursivas preconizadas nos módulos genéricos vistos pelos campos discursivos. É através do espaço que se facilita a análise de discursos em suas realidades mais próximas, materiais e, portanto, palpáveis. É, pois, no espaço discursivo, que o discurso é manifestado a partir da relação empírica entre as formações discursivas. Nele se denota de maneira mais clara um gênero de texto tipicamente inteligível, aquela instância imediata do exercício da atividade discursiva, porque conformizamos nossas expressões em modelos textuais. Será idealmente ao nível do espaço discurso que o analista, munido das ferramentas teóricas e metodológicas postas à sua disposição, poderá identificar e apontar a existência do interdiscurso.

Nos interdiscursos depreendidos entre os espaços discursivos, forças intercambiantes aparecem como descentramentos a partir dos quais há diálogos com outros ditos. O pretensão avalizamento de originalidade discursiva, nesse sentido, não passa de pressuposição arbitrária, pois não há figuras de dizeres plenos e irrepetíveis; pelo contrário, elas se afirmam em palavras e ideias que a todo o momento são retomadas de outros suportes (POSSENTI, 2003). Aliás, o “outro” presentificado no discurso é mais que mera repetição de enunciados, pois, embora de alguma forma reproduzidos, eles aparecem sob configurações inteiramente novas. Assim, é imprescindível considerar que “o outro é o que faz sistematicamente falta a um discurso, é aquela parte de sentido que foi necessário que o discurso sacrificasse para constituir sua identidade” (POSSENTI, 2003, p. 264).

SOUZA, Bruno Felipe de. “A CONVERSÃO DE SÃO PAULO”: INTERDISCURSO NA PREGAÇÃO DE JOSÉ DE ANCHIETA.

3 O interdiscurso no sermão anchietano

Em nossa análise, respaldamo-nos na noção do interdiscurso à luz do discutido esquema elaborado por Maingueneau (2008) no qual se estabelecem aqueles três conceitos de caráter operativo: universo, campo e espaço discursivos. Evidentemente, partimos com mais ênfase da pressuposição das duas últimas intâncias para identificar interdiscurso na materialidade textual, por serem, pelas razões já mencionadas, mais pertinentes. Para analisar o *corpus*, destacaremos recortes⁶. Como salientamos, no universo discursivo são comportados campos em relações e confrontos mútuos. Em nosso caso, no amplo, porém finito e limitado universo de formações discursivas, temos o discurso religioso circunscrito como um tipo de campo discursivo. Por sua vez, a pregação religiosa assume a função de espaço discursivo, especialmente revelado no nível material do sermão enquanto gênero de discurso.

O discurso religioso de que tratamos, a partir dos excertos textuais que serão analisados é configurado e, por conseguinte, legitimado como prática discursiva constituinte da esfera religiosa. Em sua constituição formal, conforme veremos, apresenta relações interdiscursivas com discursos provenientes do campo religioso como “lugar social”, segundo a terminologia adotada por Maingueneau (2008), pois é firmado como uma dimensão elementar e essencial do conteúdo. A propósito do discurso religioso⁷, ressaltamos a dimensão simbólica de se agregar relações conjuntas entre divino e humano, natural e sobrenatural, sublime e profano. Enfim, diremos, o homem diante de suas realidades terrenas e em face de aspirações e pensamentos metafísicos.

No caso da interdiscursividade deduzida na pregação do clérigo, ela deriva da relação contundente com discursos previamente constituídos e que são de maneira contumaz retomados no corpo do sermão. Então, a construção de sentidos demanda relação com elementos exteriores e ao mesmo tempo cruciais ao seu discurso, tendo em vista que, na materialidade da enunciação, o pregador se relaciona com o discurso da literatura bíblica, entrevendo dados provenientes das escrituras judaico-cristãs, e com o discurso da tradição católica, encenando discursos figurados em dogmas e doutrinas diluídas no discurso. Portanto, muitos ecos de memórias originárias das escrituras canônicas e da piedade religiosa são

⁶ Veja-se que buscamos reproduzir os trechos em conformidade com a versão textual original do manuscrito, o que explica o uso das grafias arcaicas de algumas palavras e, por vezes até, um ou outro termo irreconhecível.

⁷ Sobre algumas nuances do discurso religioso em suas práticas gerais ver o trabalho de ALMEIDA (2001).

SOUZA, Bruno Felipe de. “A CONVERSÃO DE SÃO PAULO”: INTERDISCURSO NA PREGAÇÃO DE JOSÉ DE ANCHIETA.

inevitavelmente transparecidos. Antes de tudo, como sujeito instruído e de posse do discurso eclesiástico, o padre José Anchieta incrementa e articula termos e ideias emanados destes dois pólos concomitantes. Analisemos o excerto que segue:

Christo Jesus, que até aquelle tempo como homem verdadeiro e cordeiro mansuetissimo, filho da virgem sacratissima, ovelha sem macula, e crucificado pelos homens, esteve esperando a Saulo com grandissima paciencia e misericordia. (ANCHIETA, 1568, p. 13)

Quer seja no contexto da conversão de Paulo, quer seja no plano da própria pregação cristã, o enunciado traz para o espaço discursivo a menção da figura mariana como *Virgem Sacratíssima* e *Ovelha sem Macula*. Percebemos que os termos recorrem à crenças geradas e propagadas em meio a tradição católica, quando expõe dogmas eclesiásticos. Insista-se que “a identidade de um discurso se constrói e se alimenta através de outros discursos, falar é sempre falar com, contra ou por meio de outros discursos, outras vozes” (MAINGUENEAU, 2016, p. 5). Com efeito, tal identidade é construída sob o crivo de uma estreita, mútua e efetivamente correlação, para o espelhamento de uma memória discursiva. Ao retroprojetar os discursos dogmáticos da *Virgindade Perpétua de Maria* e da *Imaculada Conceição*, simultaneamente, Anchieta enuncia “outras vozes”, isto é, as vozes dos discursos católicos.

No excerto que trazemos a seguir, ao se fazer menção do “poder de sua divindade”, o enunciador acena, diretamente, à crença na dimensão divina de Cristo, doutrina estabelecida pela igreja romana com base numa leitura exegética de *Colossenses 2:9*, onde se diz que “em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade”. Dessa maneira, ao se deflagrar uma associação do Jesus histórico com o Cristo da fé, entendido segundo a condição de ser pré-existente e eterno, identificamos um discurso firmando no entremeio de um ponto de vista teológico, como aquele previsto pelo dogma trinitário, cujas bases têm na descrição do *logos* em *João 1,1*, um dos pilares de maior realce. Nisso que se segue, o padre José de Anchieta revela, intradiscursivamente, relativa dependência semântica:

[...] sae com o poder de sua divindade, sae ao encontro de Saulo, que era sua preza e embiara, que elle andava para arrebatar; encontraram-se no caminho com Saulo, lobo rapace, da tribu de benjamin, e Christo Jezus, leão da tribo de Judá. (ANCHIETA, 1568, p. 14)

SOUZA, Bruno Felipe de. “A CONVERSÃO DE SÃO PAULO”: INTERDISCURSO NA PREGAÇÃO DE JOSÉ DE ANCHIETA.

Em se tratando da figura paulina, o enunciado tem o respaldo discursivo do próprio apóstolo quando, se autorretratando, escreve em *Filipenses 3:5*, ser “da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus”. Diante dessa cena emblemática, a referência a um discurso emanado da boca do próprio santo personagem, cujo nome serve de título à pregação eclesiástica, sugere uma conformização mais próxima possível à realidade conjectural aludida: a validação provém da autoridade enunciativa do ente sobre quem se fala. Nesse particular, diga-se de passagem, um contexto minimamente definível ou reconhecível parece corroborar para que tais afirmativas empregadas por José de Anchieta reflitam ideias validadas como posicionamentos comuns a um universo e, mais propriamente, a um campo discursivo.

Não há, no nível das condições ou possibilidades semânticas, espaços para identidades fechadas, mas de trocas ou intercâmbios de discursos que se entrecruzam, não obstante o fato de que os enunciadores, “longe de admitir esse descentramento radical, reivindicam, de fato, a autonomia do seu discurso” (MAINGUENEAU, 2008, p. 36). Vejamos como se envolvem discursos portadores de lembranças e memórias ulteriores acerca das origens dramáticas dos cristãos, quando são cruzados dizeres colhidos de tradições orais e de escritos antigos:

Vae Ananias, por mandado do Senhor, a baptizal-o, com o que sua alma, que estava rubra pelo muito sangue dos christãos, que tinha feito derramar, ficou lavada no mar cristalino do santo baptismo. (ANCHIETA, 1568, p.37)

O interdiscurso pode ser aqui observado sob dois aspectos: primeiro, há uma aparente relação entre a alma (diga-se Paulo) “que estava rubra pelo muito sangue dos cristãos, que tinha feito derramar” com um famoso aforisma de Tertuliano, escritor cristão do II século d. C., em que se diz “o sangue derramado dos mártires é semente de novos cristãos”⁸. Isso faz sugerir que ele, antes ferrenho colaborador na matança dos cristãos, tornara-se convertido. Complementa essa mesma visão o trecho seguinte, quando insinua-se que Paulo, elevado ao apostolado, serviu como “doutor das gentes”, isto é, o proclamador do cristianismo entre os gentios⁹. Vemos aí um resquício de *1 Coríntios 12:13*: “batizados em um único Espírito: quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres”. Observemos o excerto:

⁸ Expressão utilizada por Tertuliano em *Apologeticum*,. Sobre esse escritor patristico, ver Oliveira (2008).

⁹ Note-se que por gentios José de Anchieta se refere, como se convem designar, aos cristãos convertidos do mundo greco-romano. Sem vínculo, portanto, com a etnia judaica.

SOUZA, Bruno Felipe de. “A CONVERSÃO DE SÃO PAULO”: INTERDISCURSO NA PREGAÇÃO DE JOSÉ DE ANCHIETA.

[...] e o mesmo fez por todo mundo, pregando e advertindo os gentios, e assim o bom de S. Paulo, de roubador que antes era, se faz guardador, de lobo pastor, de perseguidor pregador e doutor das gentes. (ANCHIETA, 1568, p. 38)

A interatividade do discurso apresenta-se também na expressão do diálogo interior. Sendo que a noção de interdiscurso presume retomada de ditos já proferidos, de tal maneira, nenhum discurso será autônomo: ele dialoga, dentro de conjunturas histórica, cultural e social, com determinadas proposições visadas pelas formações discursivas. Por essa razão, o discurso projeta referências a acontecimentos apropriadamente condizentes com certos propósitos comunicativos compartilhados em campos iguais. A intenção discursiva real extraída da leitura deste excerto não é outro senão o conhecimento da memória e dos feitos gradiosos de S. Paulo, personagem de supra importância num discurso missionário cujo primeiro propósito é anunciar, obter adesão e assim convencer pessoas para o segmento religioso. Observamos, inclusive, que o sermão persegue com integral afinco a tarefa insistente de formar uma sinopse do percurso empreendido por Paulo, sempre com vistas a traçar o destino do personagem como alguém a ser admirado e, mais ainda, copiado, imitado.

No trecho que trazemos logo abaixo, identificaremos duas relações interdiscursivas: a primeira, até certo ponto, explícita; a segunda, por certo, exigindo percepção mais aguda e perspicaz. No primeiro caso, encontramos na expressão “apascentando ovelhas de Cristo”, quando o enunciador se refere ao ministério paulino, uma extensão da incumbência dado ao apóstolo Pedro, conforme registrado em *João 21:16*, “apasceta as minhas ovelhas”. Depois, a divisão da vida de Paulo em “manhã” e “tarde” indicando os períodos anterior e posterior ao episódio da conversão, sinaliza, a nosso ver, uma relação interdiscursiva com o relato mítico de *Gênesis 1* em que se utiliza de linguagem figurada para descrever a criação do mundo. Em outras palavras, sete dias que não significariam, na mentalidade do redator do texto sagrado, ciclos literais de vinte e quatro horas, mas períodos de tempo extensivamente maiores:

S. Paulo, da tribu de benjamin, pela manhã, que foi em sua mocidade e no principio de sua vida como lobo tragador, andava comendo preza, perseguindo os christãos e fartando-se em suas carnes, e logo à tarde, que foi depois de sua conversão, anda a repartir manjares, apascentando ovelhas de Christo como pastor da palavra divina e ensinando e repartindo os mistérios da fé com os gentios. (ANCHIETA, 1568, p. 38)

SOUZA, Bruno Felipe de. “A CONVERSÃO DE SÃO PAULO”: INTERDISCURSO NA PREGAÇÃO DE JOSÉ DE ANCHIETA.

De fato, o uso alegórico de turnos temporais com imprecisões cronológicas é fartamente utilizado para ilustrar supostas intervenções sobrenaturais em narrativas bíblicas. Mas o que nos interessa aqui é tão somente a ideia de “manhã” e “tarde” constituírem, para o enunciador, o antes e o depois da vida de Paulo, na qual o mesmo deus cristão teria feito intervenção. No caso específico desse recorte, embora haja um fundo bíblico, não observamos a ocorrência de um interdiscurso tão evidente quando da associação à ideia de marcação de tempo. Vemos, então, que a relação interdiscursiva não depende de referências explícitas que reflitam discursos externos com nitidez, justamente por não serem localizáveis fragmentos que remetam ao ‘outro’ do discurso de modo pragmático.

A interdiscursividade firma-se na abertura relacional aos sentidos contidos nos discursos proferidos no tempo, de modo que o seu primado parte de uma perspectiva de heterogeneidade: diremos, “a relação de um texto consigo mesmo e sua relação com outros” (MAINGUENEAU, 2016, p. 5). Conforme vemos, no plano dessa heterogeneidade constitutiva, os enunciados não são instados em citações padronizadas do “outro”, porque a relação com ele é feita sem a necessidade de demarcação de alteridade. Neste sentido, “a formação discursiva, ao delimitar a zona do dizível legítimo, atribuiria, por isso mesmo, ao outro a zona do interdito, isto é, do dizível faltoso” (MAINGUENEAU, 2008, p. 37). De fato, não se pode deduzir, facilmente, o uso de termos como conceitos derivados da linguagem poética criativa da bíblia. A relação de interdiscurso, neste caso, aparentemente indizível, é oculta, opaca, até quase improvável, pois não se demonstra claramente interligação ou filiação semântica.

No recorte a seguir, Anchieta faz uma exortação: que as pessoas, tomando consciência de sua finitude e aceitando não terem por destino viver no mundo terreno, optem por entrar na “cidade do céu”. A justificativa é que trabalhos, esforços e sacrifícios todos são recompensados na ‘vida eterna’. Identificamos interdiscursos: com *Filipenses 3:20*, onde se diz que “nós somos cidadãos do céu e estamos esperando ansiosamente o nosso Salvador, o Senhor Jesus Cristo”; e com *Romanos 2:6*, que diz “o qual recompensará cada um segundo as suas obras”. Vejamos:

SOUZA, Bruno Felipe de. “A CONVERSÃO DE SÃO PAULO”: INTERDISCURSO NA PREGAÇÃO DE JOSÉ DE ANCHIETA.

[...] entra com tua consideração na cidade do céu, lembrando-te que és óspede e degradado n'este mundo, e que no céu está tua propria natureza, e cidade em que has de morar para sempre. [...] entra na cidade da gloria, cuidando que ainda tu só poderás sofrer os trabalhos desta vida juntos muitos mil annos com um só momento, que te dessem entrada n'aquela glorioza cidade te pagarão muito mais do que merecias. (ANCHIETA, 1568, p. 57- 58)

Afirma Maingueneau (2008, p. 34) que “é no interior do campo discursivo que se constitui um discurso, e levantamos a hipótese de que essa constituição pode deixar-se descrever em termos de operações regulares sob formações discursivas já existentes”. Assim, uma vez mais, subtede-se que os enunciados aqui estão relacionados com outros postulados pertencentes ao domínio responsivo destas mesmas formações discursivas. No caso da relação interdiscursiva posta pela análise, compreendemos que a alusão feita por José de Anchieta em sua alocução, no âmbito estrito do campo discursivo religioso, à ideia de vida eterna e recompensas celestiais, estabelece elos com formações discursivas preconizadas nos escritos bíblicos que lhe precedem e sob os quais se ancora seguidas vezes, do início ao fim, no vértice da mensagem.

4 Considerações finais

Entre as pesquisas realizadas no âmbito da Análise do Discurso de linha francesa e que se respaldam na categoria analítica interdiscursiva, observamos serem em geral escassos os trabalhos que tratam do discurso religioso. Menos ainda quando se refere a etapas históricas remotas, como é o caso do sermão anchietano, que remonta ao século XVI. Na realidade, constatamos entre os trabalhos de pesquisa nessa área uma acentuada predileção por discursos contemporâneos, sobretudo aqueles produzidos nos campos discursivos político e midiático. Com isso não queremos dizer não haver, em absoluto, pesquisas incidentes sobre o discurso religioso, apenas ressaltamos serem pouco recorrentes. Neste sentido, a partir da interpretação dada, reforçamos a pertinência e fecundidade da abordagem discursiva religiosa para os estudos da AD em seus estágios atuais: conduzimos a análise através dos postulados de Maingueneau (2008) que insistem nas complexas relações entre os discursos.

Sobre as relações interdiscursivas apresentadas, concluímos que o discurso, com relativa margem de evidência, apresenta relações aproximativas com dados extraídos de

SOUZA, Bruno Felipe de. “A CONVERSÃO DE SÃO PAULO”: INTERDISCURSO NA PREGAÇÃO DE JOSÉ DE ANCHIETA.

discursos precedentes. Tem-se, por um lado, a retomada do discurso bíblico e, por outro, o incremento do discurso da tradição religiosa, na medida em que sinalização às crenças católicas são feitas. Concluimos, então, que Anchieta se apoiou na história e trajetória de São Paulo apóstolo para expressar uma mensagem de fé e conversão. Por fim, com a presente pesquisa não propusemos restringir o tratamento do *corpus* ao segmento aqui referenciado, uma vez que reconhecemos perspectivas teóricas diferentes demandarem objetivos diversos. Assim, sem dúvida, aspectos sumariamente importantes e que aqui nos escapam podem ser explorados em estudos de cunho histórico, teológico, sociológico e etc., a depender do enfoque epistemológico. Com efeito, acreditamos que os resultados apresentados possam suscitar questionamentos, instigando a realização de outras pesquisas sobre os elementos operantes no discurso religioso.

REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, E. Discurso Religioso: Um espaço simbólico entre o céu e a terra. In: DI RENZO [et al]. *Sociedade e Discurso*. Campinas: Pontes, 2001.
- AMORIM, M. As ciências humanas e sua especificidade discursiva. In: RODRIGUES, R. H.; PEREIRA, R. A. (orgs.). *Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em Linguística Aplicada*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. p. 17-45.
- ANCHIETA, J. *A Conversão de S. Paulo*. Tristão de Alencar (Org.). São Paulo: Oficinas Salesianas, 1895. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4691>. Acesso em: 04 jul. 2018.
- BÍBLIA, *de Jerusalém*. 3. ed. revisada e ampliada. São Paulo: Paulus Editora, 2004.
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 5. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Tradução de Freda Indursky. Campinas: Editora UNICAMP, 1997.
- MAINGUENEAU, D.. Analisando discursos constituintes. Tradução de Nelson Barros da Costa. *Revista do GELNE*, [S. l.], v. 2, n. 1/2, 2016, p. 1–12. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9331>. Acesso em: 07 jul. 2018.
- MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MAINGUENEAU, D. *Discurso e análise do discurso*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento*. São Paulo: Hucitec Editora, 2009.

SOUZA, Bruno Felipe de. “A CONVERSÃO DE SÃO PAULO”: INTERDISCURSO NA PREGAÇÃO DE JOSÉ DE ANCHIETA.

OLIVEIRA, E. S. A construção da imagem do mártir na obra *Apologeticum* de Tertuliano. *I Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História*. Goiás: UFG-PUC, 2008. Disponível em: http://pos.historia.ufg.br/up/113/o/18_EduardoOliveira_AConstrucaoDaImagemDo.pdf

Acesso em: 11 jul. 2018

PORTELA, E. *José de Anchieta: poesia*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2005.

POSSENTI, S. Observações sobre o interdiscurso. In: *Revista Letras*, Curitiba, n. 61, 2003, p. 253-269. Editora UFPR. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/2890/2372>. Acesso em 08 jul. 2018.

SANTOS, I. O. Análise do discurso pedagógico sobre a religião: o interdiscurso e o ethos. In: *Revista Contemplação*, FAJOPA, n. 16, 2017, p. 27-59. Disponível em: <http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/viewFile/153/169>. Acesso em: 12 jul. 2018.

THOMAZ, J. *Anchieta*. Rio de Janeiro: Bibliex Editora, 1981.

Recebido em 31/05/2022

Aprovado em 11/07/2022